

JURUÁ VIRA PEIXE

Juruá tornou-se um guerreiro muito zombador e muito rancoroso.

Dizia:

- Quem é esse Anhangá, que ninguém nunca viu? Aparece disfarçado de bicho, de inseto, de coisa. Ou deve ser muito feio ou muito covarde.

Os amigos diziam:

- Para, Juruá. Para de jogar palavras ao vento. Anhangá é sábio, mas também é severo. E, se o vento conta a ele essas coisas que anda falando, você pode se dar mal![...]

Juruá dizia que Anhangá era assassino e que havia matado Kamakuã, sua mãe.

O fato é que o vento foi assobiando bem baixinho, de ouvido a ouvido, até as palavras malditas de Juruá chegarem aos ouvidos de Anhangá.[...]

Então Anhangá se transformou no inseto mais insignificante, a muriçoca, e procurou Juruá.

- Eu vim te ajudar - disse a muriçoca no pé do ouvido de Juruá.

Paf, fez Juruá dando um tapa para matá-la, mas acabou acertando o próprio rosto.

- Eu vim te ajudar - disse a muriçoca no outro ouvido.

Paf, fez de novo Juruá, dando outro tapa no outro ouvido.

- Eu te mato, muriçoca falante! Sai, Anhangá assassino!

Então Anhangá foi embora e esperou um dia.

Juruá espalhou pela aldeia que Anhangá era mau e assassino, pois havia matado sua mãe.

Foi quando Anhangá apareceu de novo[...] - dessa vez como um gigante com voz de trovão para impor respeito.

- Escute, Juruá, você sabe que não matei sua mãe. Você sabe também que a mentira tem perna curta. Na verdade, salvei sua vida e de seus futuros filhos e netos.[...] Você foi avisado várias vezes. A natureza tem um limite, as nossas ações têm um limite.

- Você é que não tem limite nos seus castigos idiotas! Só porque sabe alguns truques, pensa que manda na floresta![...]

A paciência de Anhangá havia se esgotado. E Juruá continuou esbravejando[...] Até que Anhangá, do alto de sua gigantice, soltou um raio e puf!: Juruá virou um peixe.

Anhangá pegou o peixe, colocou-o no rio e disse:

- Pronto, pode esbravejar à vontade, o máximo que vai acontecer é sair bolhinha! E, de hoje em diante, tome muito cuidado: "o peixe morre pela boca!".

Fonte: JECUPÉ. Kaká Werá. ***As fabulosas fábulas de IAUARETÊ.***

São Paulo: Peirópolis, 2007. p. 44-46